

Literatura brasileira contemporânea: espaços, traduções e intermediações culturais

Colóquio internacional Brasil-França-Alemanha

7 e 8 de março de 2013 em Paris
11 e 12 de março de 2013 em Berlim

RESUMOS

PARIS

Processos de internacionalização da literatura brasileira contemporânea e diplomacia cultural

Carmen Villarino Pardo (Universidad de Santiago de Compostela)

Alguns programas recentes de instituições brasileiras (públicas e privadas) estão desenvolvendo ações para investir na internacionalização da literatura e da cultura brasileiras. A posição estratégica do país no cenário internacional mudou nos últimos anos e, em consequência, também as práticas da chamada diplomacia cultural e do *soft power* brasileiro. Rodrigo Pinto, jornalista da BBC Brasil em Londres, indicava, em abril de 2012, que “a Biblioteca Nacional, oitava do mundo em acervo, será, neste ano, uma das mais atuantes instituições públicas do Brasil a lançar mão de políticas tradicionalmente associadas ao *soft power*”. A preparação da segunda participação como país convidado de honra na Feira Internacional do Livro de Frankfurt, em 2013, é uma boa amostra das novas dinâmicas, que se *anunciam* como diferentes em relação à participação de 1994, e que parecem visibilizar estas políticas dentro dos procedimentos da diplomacia cultural.

O sujeito-escritor e as transformações no campo literário: o caso Cristovão Tezza

Igor Ximenes Graciano (Universidade Federal Fluminense)

Quando se pensa em movimento ou movimentos no campo literário brasileiro, costuma-se mencionar a emergência de novos agentes que, na melhor das hipóteses, irão compartilhar da esfera pública de criação e do debate em torno das obras. No entanto, tal ideia de inclusão esconde a disputa mais pungente pelo espaço central do campo – o qual não inclui a diversidade indiscriminadamente. Novos agentes pressupõem a substituição de velhos agentes ou de modos tradicionais de produção literária. Assim, identificamos, na autobiografia literária de Cristovão Tezza, *O espírito da prosa*, um exemplo de reação do centro a movimentos que, de uma forma ou de outra, deturpam certo conceito de prática literária ali defendida, e que tem sua chave no elogio do “sujeito-escritor”, conforme terminologia do próprio Tezza.

Sertão revisitado: dialogando com os clássicos em *Nhô Guimarães* e *O pêndulo de Euclides*, de Aleilton Fonseca

Georg Wink (Freie Universität Berlin)

Os dois romances, de autoria do escritor e professor de literatura em Feira de Santana Aleilton Fonseca, foram lançados em datas significativas: 2006, cinquenta anos após a publicação de *Grande sertão: veredas*; e 2009, a cem anos da morte de Euclides da Cunha, respectivamente. Como homenagem, apresentam, por um lado, os autores consagrados e introduzem as histórias e ideias das referidas obras, junto com uma revisão geral do estado da arte da crítica literária. Pelo outro, o autor propõe suplementar essa leitura com a ficção dos “vazios não registrados” da memória subjetiva, no sentido do novo romance histórico (por exemplo, no que concerne à multiplicidade de perspectivas, à recuperação da memória omitida e à impugnação do discurso legitimador). Minha abordagem mostrará como estas obras, todavia, privilegiam o lado didático e, inclusive, atendem aos conteúdos e objetivos do ensino acadêmico, de forma a poderem ser classificadas, dentro do antigo gênero de ficção didática, como “literatura secundária ficcional” para facilitar a recepção dos clássicos em sala de aula.

Encenação de não lugares na literatura: o cronotopo da ilha em Carola Saavedra

Susanne Klengel (Freie Universität Berlin)

Esta comunicação pretende contribuir para a reflexão sobre a chamada nova internacionalidade da literatura brasileira contemporânea e os novos entrelaçamentos literários nos espaços de um mundo globalizado. Tomando como exemplo o romance de Carola Saavedra, *Paisagem com dromedário*, mostra-se que a autora alude primeiro ao cronotopo convencional da ilha como ponto de fuga ou não lugar, fora do espaço e do tempo, para se inscrever, logo depois, numa tradição literária periférica estrangeira. Esta inscrição se dá, essencialmente, no plano formal do texto: a encenação literária da “audioperformance” e da reprodutibilidade técnica constituem um meta-comentário a um *tópos* específico da ilha poética situada na periferia do mapa da história literária e cultural espanhola.

A memória e os narradores na obra de Beatriz Bracher

Friedrich Frosch (Universität Wien)

Nos seus três romances, *Azul e dura* (2002), *Não falei* (2004) e *Antônio* (2007), Beatriz Bracher aborda questões cruciais da existência. Suas tramas desenvolvem, invariavelmente, experiências dolorosas situadas num passado não muito distante, cheio de influências negativas que se cristalizam em vivências muitas vezes traumáticas e/ou traumatizantes. Em cada nova abordagem ficcional à temática da memória individual e coletiva, a autora paulista consegue variar seus dispositivos técnico-compositivos para chegar a resultados inesperados, sempre convincentes. A comunicação pretende não apenas examinar as estratégias narrativas aplicadas pela romancista nas obras citadas, mas também vincular a interpretação do arranjo formal da fábula, altamente eficaz, a seu conteúdo enquanto comentário político, tendo esse uma significação generalizável além da visão intimista dos relatos.

Cartografias de gênero: espaço, corpo e escrita

Sandra Regina Goulart Almeida (Universidade Federal de Minas Gerais)

O presente trabalho se propõe a analisar, sob um enfoque comparativo, representações e construções imagéticas do corpo em textos literários de autoria feminina na literatura brasileira contemporânea. Marcado não apenas pelo gênero, mas também pela etnicidade, sexualidade e classe, esse corpo, concebido como uma entidade discursiva politicamente inscrita, configura-se, ainda, como espaço emblemático de encenações performáticas e instrumento material de agenciamento e transgressão. A escrita desse corpo gendrado desvela, assim, a potencialidade de configurações subjetivas reelaboradas e de múltiplas articulações desestabilizadoras.

Cartografia do feminino em *Sinfonia em branco*, de Adriana Lisboa

Maria Araújo da Silva (Université Paris-Sorbonne)

Coroado com o prêmio literário José Saramago, o romance *Sinfonia em Branco* (2001), de Adriana Lisboa, gira em torno de duas irmãs simultaneamente unidas e separadas por um segredo familiar inviolável, que condiciona irremediavelmente a existência de cada uma, paulatinamente desvendada através de um discurso fragmentado construído à semelhança de um *Nocturno* encantatório, povoado de silêncios e de gritos abafados, de sofrimentos que se insinuam levemente e se repetem como testemunho da violência insidiosa exercida sobre as mulheres. Procuraremos analisar, nessa narrativa com contornos trágicos, as dinâmicas de um questionamento identitário marcado pelo peso da memória e configurado por uma herança familiar repleta de proibições e sentimentos de culpabilidade.

Genealogias e desvios melancólicos na obra de Adriana Lunardi

Maria Graciete Besse (Université Paris-Sorbonne)

As narrativas de Adriana Lunardi propõem, muitas vezes, figuras femininas à beira do abismo ou em busca de uma alteridade no interior do que lhes está mais próximo, construindo um espaço melancólico que revisita os materiais da recordação, de forma a descrever a espessura do tempo e a transmitir a memória sensível dos locais percorridos. A partir da leitura de *Vésperas* (2002), *Corpo estranho* (2006) e *A vendedora de fósforos* (2011), mostraremos em que medida a melancolização dos laços familiares, trabalhada pelo regime espectral e pela poética do luto, permite uma reflexão sobre a herança considerada, sobretudo, enquanto “desafiliação” (Derrida).

Transgressões e representações de gênero na adaptação cinematográfica de *Onde andaré Dulce Veiga?*, de Caio Fernando Abreu

Alberto da Silva (Université Paris-Sorbonne)

Em 2008, o diretor Guilherme de Almeida Prado dirigiu o filme *Onde andaré Dulce Veiga?* Em um ambiente inspirado nos filmes policiais e no cinema *noir* hollywoodiano, o cineasta conta a história do jornalista Caio que, ao entrevistar a cantora Márcia, descobre que ela é nada mais nada menos que a filha de Dulce Veiga, cantora que desaparecera misteriosamente alguns anos atrás. Adaptado da obra de Caio Fernando Abreu, em seu filme, o diretor propõe uma reflexão sobre o pós-moderno em uma atmosfera *kitsch* e irônica, características importantes que norteiam a obra do escritor. Nesta comunicação, levando em conta os aspectos formais, as relações da adaptação cinematográfica e a obra do jornalista e dramaturgo, tentaremos pensar na maneira pela qual o diretor propõe representações das masculinidades e feminilidades, principalmente quando elas se opõem como possibilidade de resistência às instâncias reguladoras e

heteronormativas – várias problemáticas que estão no cerne da obra de Caio Fernando Abreu.

Diários de motocicleta: do texto às imagens

Joaquín Manzi (Université Paris-Sorbonne)

Walter Salles, um dia, gabou-se de ser um “guevarista estilo motocicleta”. Seu quinto longa-metragem de ficção transpõe, de fato, o relato de Ernesto Guevara de Serna (1928-1967) em que pela primeira vez ele se autodenominava “Che”. Num primeiro momento, analisarei o relato iniciático, uma vez que texto de Alberto Granado, seu companheiro de equipe, também orientou o trabalho do cenarista José Rivero. Num segundo momento, tratarei de dois gêneros discursivos predominantes no filme de Salles (o relato de viagem e o diário) a partir, nomeadamente, das cenas das despedidas, dos encontros, da leitura e da escrita. Deste modo, poderei, finalmente, aproximar e interpretar as estratégias fílmicas que visam transcender a morte de Guevara e suturar as numerosas supressões realizadas em seu relato.

Nesta terra, neste instante, de Marília Guimarães: do inferno brasileiro à utopia revolucionária cubana, ou a “encenação” de um *faits divers*

Clementine Lucien (Université Paris-Sorbonne)

Nesta terra, neste instante (2000), da ativista Marília Guimarães, é publicado trinta anos após o sequestro de um avião realizado no início de 1970 e apresentado pelo governo ditatorial de Emilio Garrastazu Medici, que assume a presidência da República do Brasil em 1969, como um *fait divers* da agitação comunista. Do ponto de vista do gênero, trata-se de um texto híbrido que recorre tanto às modalidades do testemunho sobre a história da fé revolucionária na América Latina, em meio a uma intensa atividade subversiva, como aos elementos do relato de viagem ou das narrativas memoriais, enquanto documento e monumento. Notável, porém, é a maneira como esta narrativa memorial se articula em torno de uma geografia em que a ficção se apropria de modelos oriundos de relatos universais, tais como o da fuga do oprimido em direção à Terra Prometida, a fim de “encenar”, como diria Paul Ricoeur, a “realidade anterior” “da coisa lembrada”. Este texto relata uma verdadeira viagem iniciática em direção a Cuba utópica mitificada e moldada, naquela altura, por um imaginário fundador da liberdade da América Latina.

BERLIM

No supermercado: o pobre e seus espaços possíveis na literatura brasileira contemporânea

Regina Dalcastagnè (Universidade de Brasília)

Esta comunicação se debruça sobre as narrativas da relação subjetiva, estética e política entre homens e mulheres desprovidos de poder e o espaço que, a um só tempo, ocupam e os constitui. A partir da leitura de quatro livros – *Guia afetivo da periferia* (2009), de Marcus Vinícius Faustini, *Eles eram muitos cavalos* (2001), de Luiz Ruffato, *Ninguém é inocente em São Paulo* (2006), de Ferréz, e *Passageiro do fim do dia* (2010), de Rubens Figueiredo – discutirei um desses espaços possíveis: o supermercado. Lugar corriqueiro e sem grande interesse para a classe média bem estabelecida, os supermercados impõem aos que não têm dinheiro uma série de constrangimentos, que se refletem diretamente no corpo das personagens e que podem ter implicações em toda a estrutura narrativa.

Transportes públicos literários: perspectivas cotidianas da cidade na literatura contemporânea brasileira

Claire Williams (St Peter's College, University of Oxford)

Tanto os veículos de transporte público como os lugares de espera oferecem uma experiência viva da realidade das grandes cidades e seus habitantes em toda a sua multiplicidade. A viagem cotidiana implica um conhecimento e uma perspectiva diferentes dos do olhar de quem visita pela primeira vez, ou tem o tempo de observar. Os transportes públicos também ligam indivíduos e zonas que normalmente não têm contato. Esta comunicação pretende analisar a razão pela qual autores brasileiros contemporâneos (Patrícia Melo, Rubens Figueiredo, Marcus Vinícius Faustini, entre outros) escolheram o transporte público, sobretudo, o ônibus, como um elemento-chave no decorrer da ação, que influencia a maneira de ver, pensar e agir do protagonista.

Ficções memorialísticas ou memórias ficcionais: a insistência da memória histórica na nova literatura brasileira

Vinicius Mariano de Carvalho (Universität Aarhus)

Navegando entre o memorialismo pessoal ou o romance histórico, a ficção memorialística ocupa lugar privilegiado na literatura brasileira. Em momentos e contextos diversos, o recurso de recontar a memória na ficção serviu e serve também à construção da ideia de uma identidade nacional. Na literatura produzida desde os primeiros anos do século XXI, o memorialismo persiste. Esta comunicação pretende discutir as questões estéticas e éticas decorrentes dessa insistência memorialística. Pergunta-se, aqui, como esta literatura contribui para a construção do discurso histórico? A que se deve esta insistência no memorialístico? A porosa fronteira entre o ficcional e o memorialístico é vista como um risco ou um recurso na nova ficção brasileira?

O defeito em *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves

Markus Klaus Schäffauer (Universität Hamburg)

O romance *Um defeito de cor* (2006/), de Ana Maria Gonçalves, é uma contribuição notável na formação de uma memória afrobrasileira. Como tal deixa bem claro que os afrodescendentes não tem nenhum “defeito de cor”, mas sim defeitos no sentido de limitações humanas. A memória afro-brasileira foge desta forma de um retrato em branco-e-preto da sociedade escravista e consegue surpreender com matizes pouco ou

nada refletidas. Na palestra tentarei ilustrar isto baseando-me principalmente na análise de diferentes formas de violência, sobretudo na cena inicial do romance.

Identidades deslocadas: representações femininas na ficção brasileira contemporânea escrita por mulheres

Lúcia Osana Zolin (Universidade Estadual de Maringá)

Nosso propósito é empreender algumas reflexões acerca dos deslocamentos identitários que a literatura brasileira de autoria feminina tem operado em relação às identidades femininas construídas no imaginário da ideologia patriarcal e representadas na literatura canônica. O ponto de partida para essas reflexões são os romances *As meninas* (1973), de Lygia Fagundes Telles, *A república dos sonhos* (1984), de Nélide Piñon, *A audácia dessa mulher* (1999), de Ana Maria Machado, e *Azul corvo* (2009), de Adriana Lisboa – obras construídas de modo a fazer emergir vozes femininas imbuídas da missão de perscrutar trajetórias familiares e contextos sociais em cujo bojo se assentam suas existências problematizadas. O aporte metodológico dessas reflexões é o feminismo crítico, cuja tônica recai no questionamento das balizas epistemológicas tradicionais dos discursos hegemônicos, responsáveis pela naturalização das diferenças hierarquizadas de gênero; no desnudamento dos diferentes contextos e intersecções em que a categoria *mulher/es* – transposta para o universo literário – se constitui; bem como na problematização da representação literária de identidades de gênero.

Marcas de gênero ausentes em narrativas literárias contemporâneas: desafios à ordem binária da identidade

Virgínia Maria Vasconcelos Leal (Universidade de Brasília)

As marcas de gênero no texto literário têm peculiaridades, tanto em um sentido identitário quanto gramatical. A narrativa literária, em especial, em língua portuguesa traz desafios para as autoras e autores que desejam questionar a ordem binária da identidade feminina/masculina. Esta comunicação pretende percorrer algumas obras de escritoras contemporâneas brasileiras, como Cintia Moscovich e Elvira Vigna, e o trabalho da inglesa Jeanette Winterson, que dão uma dimensão transgênero às suas narrativas, além de exigir um posicionamento na esfera da leitura.

Reflexões sobre o amor em *Até o dia em que o cão morreu*, de Daniel Galera

Camila Gonzatto (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/ Freie Universität Berlin)

Partindo de uma pequena incursão pelos romances brasileiros contemporâneos dos últimos dez anos que falam de amor, procuro pensar sobre como o discurso amoroso está presente nas publicações atuais. Nessa comunicação, proponho uma reflexão sobre o papel do amor no livro *Até o dia em que o cão morreu*, de Daniel Galera – um romance que traz como foco uma relação fragmentada, um tanto solitária e de poucas e intensas trocas.

A sexualidade na ficção brasileira contemporânea

Jaime Ginzburg (Universidade de São Paulo)

Este trabalho apresenta um estudo de textos de Hilda Hilst e Caio Fernando Abreu. Tendo como centro o livro *O caderno rosa de Lori Lamby*, pretende-se examinar elementos da ficção brasileira associados a uma concepção da sexualidade como polimorfa. Rompendo com papéis e estereótipos sociais, e confrontando regras morais, os escritores trabalham com imagens da sexualidade em que os corpos são levados a

situações-limite. Abordagens da pedofilia e do incesto, por exemplo, exigem uma atenção minuciosa da crítica literária.

Fora do Brasil: alteridades subversivas e consensuais na literatura contemporânea brasileira

Leonardo Tonus (Université Paris-Sorbonne)

Este trabalho insere-se numa pesquisa mais abrangente acerca do confronto da personagem (e das vozes autorais) da ficção brasileira contemporânea com os espaços não nacionais. O presente estudo visa ao exame das relações intersubjetivas nos romances oriundos do projeto “Amores expressos”, focando, em particular, os limites da encenação, nestes romances, da experiência da alteridade das relações éticas entre o Eu e o Outro. Em outras palavras, tratar-se-á aqui de compreender o que significa escrever de fora, por fora e sobre um estar fora a partir de um projeto cujos pressupostos acentuam as diferenciações ontológicas num contexto nacional e internacional de acréscimo dos trânsitos migratórios e de reaparecimento de discursos neocolonialistas e neonacionalistas.

Os livros como herança: a biblioteca da imigração na literatura brasileira

Maria Isabel Edom Pires (Universidade de Brasília)

Entre os inúmeros objetos que os personagens imigrantes portam, os livros constituem o veículo pelo qual a cultura escrita atravessa o oceano e vem compor as bibliotecas e seus sentidos possíveis. No conjunto de obras que tratam da imigração alemã para o Brasil, flagram-se dois movimentos essenciais: a transposição cultural e suas adaptações, e a configuração de personagens leitores, esta última contrastando fortemente com a representação do imigrante trabalhador sem instrução, afeito apenas aos objetos laborais. Pergunta-se aqui de que é constituída a biblioteca da imigração, como se dá a prática da leitura pelos personagens e se esses atos de leitura reforçam os estereótipos que rondam a figura do imigrante na literatura brasileira. Serão discutidas as bibliotecas das obras *Valsa para Bruno Stein*, de Charles Kiefer; *Jornada com Rupert*, de Salim Miguel; *A asa esquerda do anjo*, de Lya Luft; e *O guarda-roupa alemão* de Lausimar Lauss.

O Japão na literatura brasileira mais recente

Marcel Vejmelka (Universität Mainz)

O Brasil é o país com a maior presença japonesa fora do Japão. Entretanto, existe uma sensível falta de escritores de ascendência japonesa no contexto da literatura brasileira, e também a temática da imigração japonesa para o Brasil não mereceu ainda marcante reflexão literária (ao contrário da imigração de outros países e da vasta produção acadêmica nas ciências sociais e na história). Em contrapartida, o Japão recebeu atenção considerável na produção mais recente de escritores brasileiros, apresentando experiências intertextuais com a literatura japonesa clássica e moderna (Adriana Lisboa, Bernardo Carvalho) e apropriações da cultura japonesa na sua tensão entre a tradição e a hipermodernidade (João Paulo Cuenca). Meu propósito será analisar as diferentes formas dessa presença, de seus contextos e da sua representação literária.

Uma “comédia negra”: *Namíbia, não!*, de Aldri Anuniação

Henry Thorau (Universität Trier)

Esta comunicação pretende analisar como a “comédia negra” *Namíbia, não!*, do jovem dramaturgo baiano Aldri Anuniação, elabora as últimas consequências da famosa “democracia racial” brasileira e dos direitos humanos, e como vai até os limites do discurso pós-colonialista e “politicamente correto” num Brasil do século XXI.

A linguagem-estrelada de *Ó*, de Nuno Ramos: limiares desassossegados entre escritura e figura

Ricardo Barberena (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)

Como um lance de dados que nunca abolirá o acaso, os fragmentos do romance-constelação *Ó*, evidenciam um escritura desatada que se apresenta avessa às definições narrativas tradicionais. Sob a ruína do estatuto romanesco, estaríamos diante de estilhaços limiares que orquestram dissonantemente a autobiografia, a crônica, o ensaio, a novela, a poesia. Inserido numa zona de arrebatamento da linguagem, o texto desassossegado de Nuno Ramos proporciona um mosaico multiconfessional no qual a literatura e as artes plásticas se metamorfoseiam numa hibridez discursiva. Tendo em vista essa convulsionada paralaxe textual, o leitor passa a experimentar um desterro hermenêutico, originado da desconstrução dos antigos gêneros literários e do próprio conceito de obra literária.

Clarice e seus quadros

Carlos Mendes de Sousa (Universidade do Minho)

Na obra de Clarice Lispector, encontramos frequentes referências à pintura e ao universo das artes plásticas. Além dessa explicitação, também podemos observar como a atmosfera pictórica contamina a escrita da autora em domínios diversos (no plano narrativo e no plano estilístico-retórico). Os “quadros de Clarice” anunciados neste título conduzem-nos igualmente até outros horizontes. Por exemplo, na esfera biográfica, às pinturas da coleção de Clarice, que constituem uma memória e que possibilitam a reconstituição de certos círculos de artistas amigos da escritora – alguns do período em que viveu no estrangeiro, outros, naturalmente, já da época do retorno ao Brasil. Releve-se aqui, ainda, o lugar das entrevistas feitas por Clarice a vários pintores, onde encontraremos importantes interrogações sobre o ato criador. Mais tarde, chegará a hora da Clarice pintora. Podemos ler os exercícios de pintura como espelho da prática de Clarice nos exercícios de escrita? Até que ponto a translação pode ser feita? Como lê-los? O que dizem? Entre as várias possibilidades oferecidas, podemos falar de uma via de revelação?